

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ALLAN DWAN

13 e 27 de Dezembro de 2021

THE WILD BLUE YONDER / 1951

Um filme de Allan Dwan

Realização: Allan Dwan / Argumento: Richard Tregaskis, baseado numa história de Andrew Geer e Charles Grayson / Direcção de Fotografia: Reggie Lanning / Direcção Artística: James W. Sullivan / Guarda-Roupa: Adele Palmer / Música: Victor Young / Som: Dick Tyler e Howard Wilson / Montagem: Richard L. Van Enger / Interpretação: Wendell Corey (Capitão Harold Calvert), Forrest Tucker (Major Tom West), Vera Ralston (Tenente Helen Landers), Phil Harris (Sargento Hank Stack), Walter Brennan (Major-General Wolfe), William Ching (Tenente Ted Cranshaw), Ruth Donnelly (Major Ida Winton), Harry Carey Jr. (Sargento Shaker Schuker), Penny Edwards (Connie Hudson), Wally Cassell (Sargento Pulaski), James Brown (Sargento Pop Davis), etc.

Produção: Republic Pictures / Produtor Associado: John H. Auer / Cópia: 16mm, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 98 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

AVISO: sensivelmente a meio do filme, há um trecho de cerca de 30 segundos sem som nem imagem. Deveria corresponder ao ponto em que as projecções seriam interrompidas para intervalo. Vamos manter esses 30 segundos na projecção de hoje, uma vez que não podem ser evitados sem danificar a cópia – algo que, evidentemente, de todo não queremos nem devemos fazer.

Sands of Iwo Jima, em 1949, se contou com um dos orçamentos mais altos da história da Republic, trouxe também um dos retornos mais elevados na história da estúdio. Propulsionado pela presença de John Wayne, e alimentando a vontade do público americano de ver contada a história dos seus “heróis” da II Guerra (terminada apenas quatro anos antes), **Sands of Iwo Jima** foi, em termos de bilheteira, o ponto mais alto das últimas décadas de trabalho de Allan Dwan.

The Wild Blue Yonder não é uma “sequela” desse filme no sentido em que o termo depois se popularizou, mas vem claramente na sua sequência. Narra outro capítulo, ou outro aspecto, da guerra conduzida pelos americanos no Pacífico (com, naturalmente, pelo menos uma menção a Iwo Jima, que equivale a uma remissão para o filme de 1949), e voltou a contar com o apoio das forças armadas norte-americanas, que puseram à disposição da produção uma série de meios que, com os orçamentos praticados pela Republic, seriam impossíveis sem esse patrocínio. A propósito de orçamentos, aliás, **The Wild Blue Yonder** voltou aos “standards” da Republic, depois da excepção que fora o milhão e meio de dólares gastos em **Sands of Iwo Jima**. Podia-se esperar que o sucesso desse filme incentivasse Herbert J. Yates (o patrão da Republic) a voltar a abrir os cordões à bolsa, mas nem pensar: como Dwan contou a Bogdanovich, Yates “ficava com taquicardias” se via muito dinheiro empatado num filme.

A história de **The Wild Blue Yonder** é a do bombardeiro Boeing B-29, o avião do seu género mais sofisticado que os americanos produziram durante a II Guerra, e especialmente utilizado nos últimos anos do conflito do Pacífico. Um desses modelos, baptizado com um nome que ficou

célebre, *Enola Gay*, foi o avião utilizado para despejar as bombas atômicas sobre Hiroxima e Nagasaki, algo que trouxe ao B-29 uma reputação bastante ambivalente: acabou com a guerra, mas acabou com a guerra *daquela maneira*. (Aqui, um parêntesis para lançar uma ideia de emparelhamento de programação: juntar este filme de Dwan com o **B-52** de Hartmut Bitomsky, filme sobre um sucessor do B-29 que, esse sim, ficou com uma reputação 100% sinistra por causa de todo o napalm despejado sobre o Vietname, entre outros cometimentos). Dwan era um homem pacífico, não gostava da guerra e não era, certamente, um militarista. Também não era um pacifista absoluto, e a sua posição talvez se possa resumir assim: a guerra justifica-se enquanto o seu objectivo for acabar com a guerra. Era, de resto, a qualidade maior que ele via na saga do B-29, um objecto de guerra usado para acabar com a guerra. O problema é quando a guerra se renova, o que explica o tom nada eufórico do final (o filme nunca tem um tom eufórico, deixa mesmo os bombardeamentos atômicos de Agosto de 1945 numa espécie de eclipse documental, mas o final tem uma gravidade especialmente pesadosa para um filme que se anuncia como um canto de feitos guerreiros), quando a Guerra da Coreia começava, mais ou menos contemporaneamente à produção do filme, e se volta a ver os B-29 em acção. Diga-se claramente, aliás, que **The Wild Blue Yonder** não é um canto épico das proezas bélicas americanas, e muito menos é um elogio da *falcoaria* dos EUA na política internacional.

O que explica a história de renitência, à beira da covardia, que alimenta boa parte da intriga do filme, e que é corporizada na personagem de Forrest Tucker. A evolução, ou superação, psicológica de Tucker é mais importante do que qualquer outro dos incidentes narrativos de **Wild Blue Yonder** (mesmo, até, que o “triângulo” formado por Tucker, Wendell Corey e Vera Ralston, que Dwan trata como uma âncora do argumento mas não como o seu fulcro). Tucker é um aviador traumatizado, e com dificuldades em lidar com o medo. Foi o medo que, meses ou anos antes, o fez dar meia-volta (inventando um pretexto técnico) quando dirigia um bombardeiro para os campos petrolíferos romenos de Ploesti (e este nome, “Ploesti”, que não devia dizer absolutamente nada a 99% dos americanos, é repetido inúmeras vezes no filme, Ploesti, Ploesti, Ploesti, como se fosse a designação médica de um trauma). Que é da sua personagem que a câmara de Dwan mais se aproxima confirma-o aquele grande plano, tão próximo do rosto que ele praticamente não cabe no enquadramento, em que Tucker rememora, no som “off”, provavelmente pela milésima vez, os acontecimentos sobre a Roménia (e a escala desse plano, rompendo completamente com a “gramática” usada por Dwan no resto do filme, torna-o ainda mais significativo por essa ruptura).

O resto são os “tropos” do filme de guerra (a galeria de secundários nas tripulações dos aviões, dos mais criancolas aos mais maduros, como o grande Phil Harris), tratados desempoeiramente mas sem se afastarem muito dos clichés de representação de tantos filmes de guerra americanos. Isso e, obviamente, o avião ele próprio. Dwan fez trazer (numa história rocambolesca que dava um filme por si própria - “basicamente, roubámos um B-29”, contou a Bogdanovich) um verdadeiro B-29, entretanto desactivado, para os estúdios da Republic, onde o avião foi serrado, desmontado e remontado conforme as conveniências e necessidades da mise en scène. “A única coisa de que gostei neste filme foi do B-29 ele próprio”, disse ainda Dwan a Bogdanovich. Para um cineasta como ele, amante dos exteriores e dos espaços abertos, o desafio de trabalhar num espaço tão cerrado como o interior atafalhado do bombardeiro talvez tenha sido o desafio mais motivador de todo o empreendimento. O melhor é que, quando se vê o que Dwan fez com esse espaço apertado, isso se nota.

Luís Miguel Oliveira